

Os Empresários e a Sociedade de Aprendizagem...

No passado dia 9 de dezembro a Presidente da BusinessEurope (uma das Organizações Empresariais Europeias mais importantes e da qual faz parte a CIP) enviou uma mensagem ao Presidente do Conselho Europeu recordando a necessidade de incentivar reformas, que tornem os mercados de trabalho e os sistemas educativos mais adaptáveis às necessidades do século XXI, de maneira a pôr fim a um lastimável paradoxo europeu: a coexistência de ofertas não satisfeitas e o elevado desemprego.

Mais recentemente a Bertrand Editora editou no mercado português o novo livro de Joseph Stiglitz e Bruce Greenwald que aborda o repensar do crescimento, o desenvolvimento e o comércio livre chamando a atenção para as vantagens que se encontram associadas a uma sociedade de aprendizagem.

Segundo estes economistas a importância da criação de uma economia e de uma sociedade de aprendizagem pressupõe, no entanto, transformações não apenas económicas mas também de cariz social que faz com que a interligação entre a política, a economia e a sociedade seja uma necessidade cada vez mais presente em sociedades abertas e democráticas.

Merecendo particular ênfase o recurso aos estudos efetuados pelo Professor, Robert Solow, para demonstrar que a maior parte das melhorias nos padrões de vida se deveram aos progressos tecnológicos e à aprendizagem, acabam por concluir que a economia da aprendizagem e da inovação tem o potencial de revolucionar tanto a teoria económica como a própria política.

Contudo não sendo apenas as políticas públicas que influenciam a aprendizagem e as mentalidades torna-se essencial que ao nível das próprias empresas exista esse comprometimento de ser necessário reconhecer e compreender as dinâmicas que os sistemas educativos de se encontram a enfrentar uma vez que as mesmas têm um impacto direto no nosso futuro enquanto organizações que criem valor para a sociedade.

De facto a sustentabilidade das nossas empresas não pode deixar de estar associada ao grau de inovação e de especialização dos nossos colaboradores pelo que não só o processo de recrutamento e retenção de talentos deve obrigar a uma permanente aposta na aprendizagem contínua e no desenvolvimento das suas competências mas também a uma participação cada vez mais permanente e

interativa, junto do sistema educativo, ao nível do ensino obrigatório, uma vez que no limite, enquanto empresários, somos “consumidores” do talento desenvolvido pelo sistema educacional.

Nesse sentido o conteúdo das últimas NL do Grupo Gesbanha, visam precisamente contribuir, com um pequeno legado de experiências e reflexões, dar a conhecer o que tem vindo a ser feito no domínio da Educação para o Empreendedorismo e os desafios cruciais com que a Escola e, muito particularmente os Professores, se defrontam, na medida em que são, simultaneamente, “agentes e objeto de mudanças”.

As questões - “Que métodos de ensino/aprendizagem se adequam à educação para o empreendedorismo? As atitudes, conhecimentos e competências empreendedoras, desenvolvidas nos programas de educação para o empreendedorismo, são consistentes com os esforços realizados para combater as altas taxas de desemprego juvenil? Qual a importância da educação para o empreendedorismo na formação dos professores? Porque se defende a integração da educação para o empreendedorismo independentemente da disciplina e nível de ensino que os professores lecionam?” - será que não justificam alguma atenção e envolvimento por parte da comunidade empresarial portuguesa?

Do nosso lado gostávamos que este tipo de preocupações também fizesse parte do dia a dia empresarial e neste contexto temos vindo a divulgar exemplos reais de ações efetivamente levadas a cabo em muitos Municípios portugueses, abrangendo todos os níveis de ensino, demonstrando-se que a integração da Educação para o Empreendedorismo no sistema educativo é uma competência chave para todos os alunos, na medida em que apoia o desenvolvimento pessoal, a cidadania ativa, a inclusão social e a empregabilidade, como aliás tão bem tem sido referenciado pela Agência Europeia de Educação, Eurydice.

Acredito que, para alguns, o empreendedorismo continue a ser visto, com desconfiança, porque apesar de estar em todo o lado (políticas públicas, discursos de responsáveis de organizações, comunicação social ...), não contribui, segundo eles, para resolver os problemas da economia. E há até quem o qualifique como um disfarce que serve para iludir a chaga do desemprego.

Este é, para mim, o discurso de uma elite burocrata com alguns tiques totalitários e discriminatórios de tudo quanto seja inovador e moderno, e que infelizmente só

produz eco graças a um tal nível de astúcia linguística utilizada que ganha terreno perante a passividade alheia.

Naturalmente que não me revejo nesta visão, pois acredito no empreendedorismo enquanto condição absolutamente necessária para dinamizar a atividade económica de um país e garantir um crescimento inclusivo, equilibrado e sustentável.

É uma convicção, porventura ambiciosa, mas centrada na legítima certeza de que a integração plena de uma educação para o empreendedorismo é o caminho mais eficaz para que os jovens alunos do nosso país possam lograr subir na escada do desenvolvimento, nomeadamente na sua adaptação às exigências de um mundo cada vez mais globalizado e globalizante.

Francisco Banha

30.03.17